

The logo consists of a vertical arrangement of several overlapping, semi-transparent rectangles in various colors (red, orange, yellow, green, blue, purple, brown, and teal). Overlaid on these rectangles is the text 'ciclo de cinema' in a bold, white, sans-serif font. The letters are partially cut off at the top and bottom edges of the frame. The 'c' in 'ciclo' and the 'c' in 'cinema' are particularly large and prominent.



Organizar este ciclo de cinema queer na ilha Terceira é mais do que criar um espaço de cultura — é afirmar uma presença, uma urgência e uma possibilidade. Nos Açores, a geografia e a distância amplificam muitas vezes o silêncio, o preconceito e a invisibilidade. Por isso, este ciclo nasce como resposta concreta a desafios que continuam a afetar, de forma profunda, as pessoas LGBTQIA+ que aqui vivem.

A discriminação e o preconceito ainda são uma realidade nos Açores. Num arquipélago onde o acesso à cultura, a este tipo de cinema, e à saúde ainda é desigual — sobretudo para pessoas trans —, onde o preconceito e o discurso de ódio ecoam muitas vezes em silêncio, e onde a violência contra pessoas LGBTQIA+ continua a existir. A visibilidade limitada de pessoas LGBTQIA+ nos media, nas escolas e no espaço público perpetua estígmas. A falta de educação e de apoio especializado nas áreas da saúde mental, sexual e dos direitos humanos agrava o isolamento — sobretudo em contextos mais afastados ou insulares. Este ciclo pretende ser, acima de tudo, um lugar de visibilidade, de segurança e de diálogo.

Com curadoria do Queer Lisboa e financiamento da União Europeia, através do programa Youth 4 Outermost Regions, e do Governo Regional dos Açores, através da Direção Regional da Cultura, o ciclo de cinema Queer Terceira traz à ilha 14 filmes, todos falados em português. A programação estende-se por três momentos, entre maio e junho, em Angra do Heroísmo e na Praia da Vitória, e está organizada em torno de temas como juventude, religião e famílias, saúde mental e sexual nas pessoas queer, e ativismo e vozes queer.

+ info
@queerterceira
queerlisboa.pt



Este ciclo não se limita à exibição de filmes. É também feito de conversas, debates, encontros com escolas e campanhas de sensibilização. E é sobretudo feito de pessoas: das que partilham as suas histórias no ecrã e das que, cá fora, continuam a lutar por espaços mais livres e justos.

A todas as pessoas, instituições, coletivos, escolas, profissionais e agentes culturais e sociais que aceitaram o convite para financiar, acolher, pensar e construir connosco este programa: o meu mais sincero agradecimento. E a quem se senta na plateia, com curiosidade, coragem ou vontade de celebrar: este ciclo é vosso.

Que possa ser um ponto de partida, de descoberta, de acolhimento. Nos Açores, resistir é celebrar. E celebrar é, também, transformar.

João Pedro Costa, organizador do Queer Terceira

financiamento



acolhimento



programação



parcerias



Lugar de descoberta e riscos, mas também de dúvidas e angústias, a adolescência e entrada na idade adulta são momentos centrais na construção das nossas identidades, de perceber quem somos. Em parte construção solitária, este salto para o mundo depende também da nossa relação com o outro, das redes de afeto e de cuidado. As nossas identidades são resultado desses confrontos, do abraçar referências e criar heróis, mas também dos medos e dos embates com o que nos é hostil.

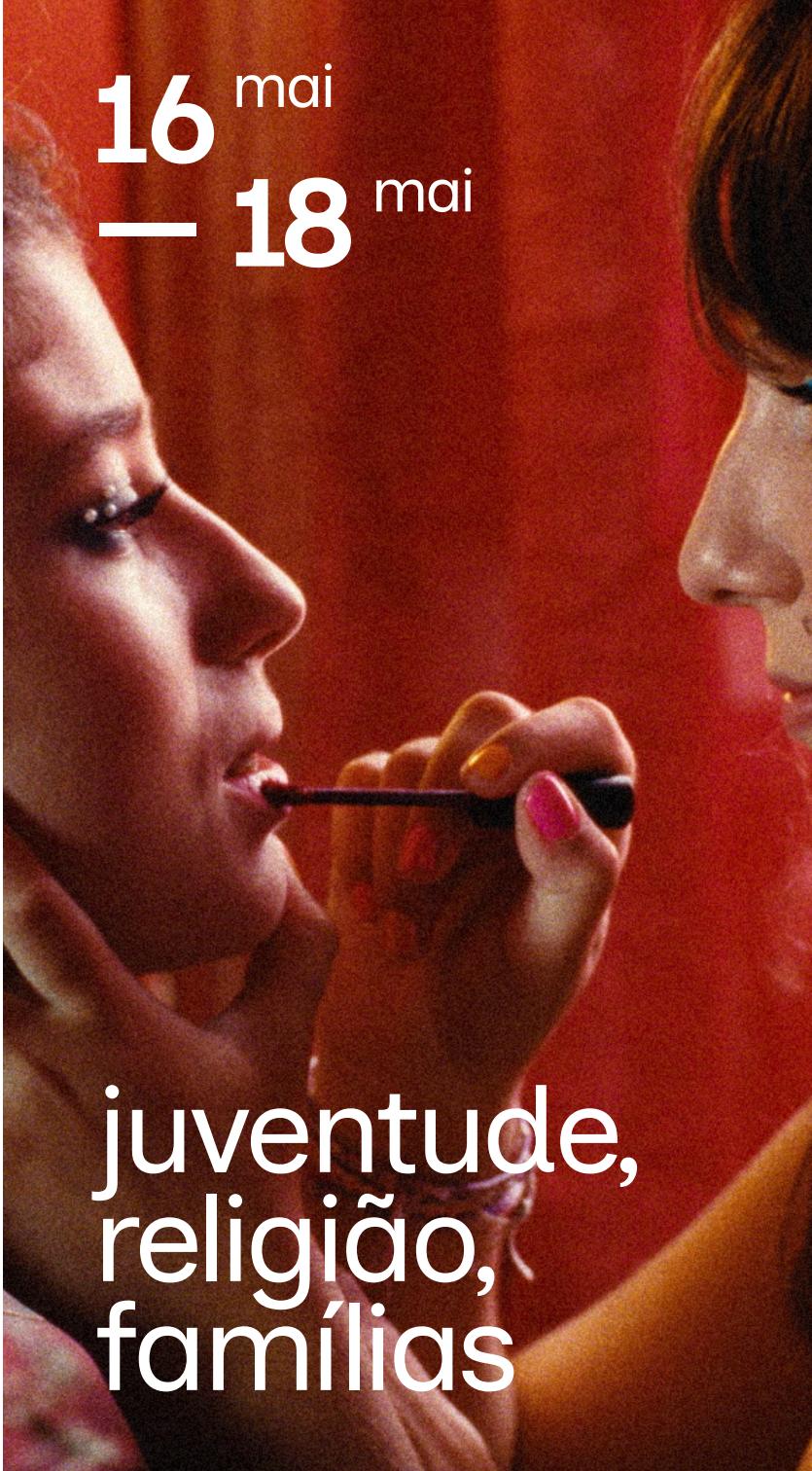
Neste primeiro momento do nosso programa, propomos um olhar sobre a nossa relação individual com esses lugares de pertença e de crescimento - o bairro e a escola, a família e a religião -, e da não rara necessidade de rompimento com esses lugares, para construir aqueles outros, onde somos mais seguros e mais felizes: as nossas comunidades tornadas família alternativa. Três filmes ajudam-nos nesta reflexão.

Lobo e Cão, onde a esta procura de comunidade se alia a questão da periferia, num duplo esforço de pertença. *Pedágio*, que foca na família e religião e no muito pertinente assunto das terapias de conversão. E *Intransitivo*, assinado pelo coletivo do mesmo nome, um fazer cinema a partir da ideia de pertença e de dar voz a uma polifonia marginalizada que tanto tem para dizer e ensinar.

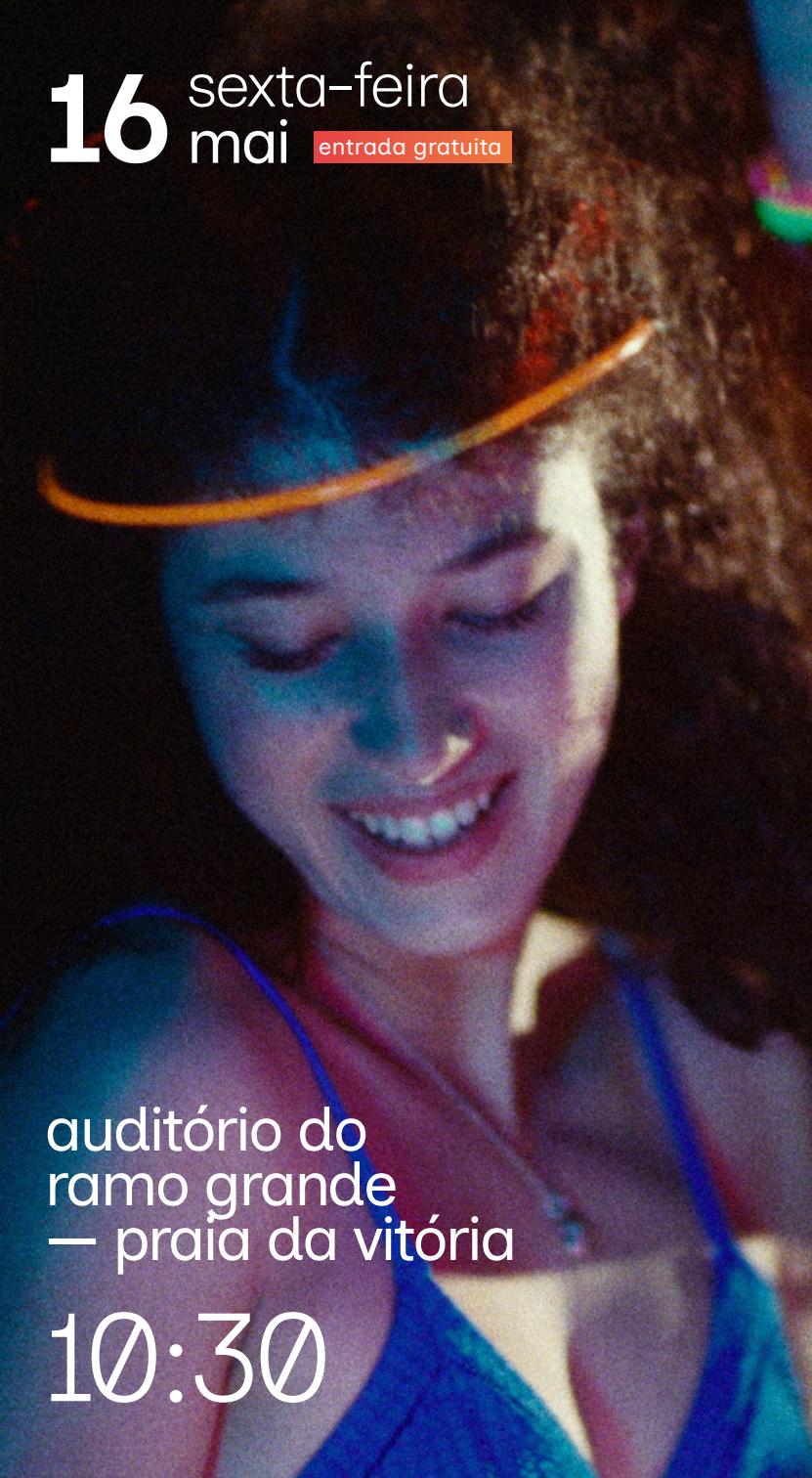
João Ferreira, diretor artístico do Queer Lisboa

16 mai
— 18 mai

juventude,
religião,
famílias



16 sexta-feira
mai entrada gratuita



auditório do
ramo grande
— praia da vitória

10:30

Lobo e Cão

Cláudia Varejão

Portugal, França, 2022, 111'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Argumento: Cláudia Varejão,
com colaboração de Leda Cartum
Montagem: João Braz
Fotografia: Rui Xavier
Som: Olivier Blanc

Produção: João Matos, Jérôme Blesson
Intérpretes: Ana Cabral, Ruben Pimenta,
Cristiana Branco, Marlène Cordeiro,
João Tavares, Nuno Ferreira, Mário Jorge
Oliveira, Luísa Alves, Maria Furtado

Ana nasceu em São Miguel, uma ilha no meio do Oceano Atlântico marcada pela religião e tradições. É a filha do meio de três irmãos. Vivem com a mãe e com a avó. Ana percebeu cedo que as raparigas têm tarefas distintas das dos rapazes. Através da sua amizade com Luís, o seu melhor amigo que gosta tanto de vestidos como de calças, Ana questiona o mundo que lhe foi prometido. Quando a sua amiga Cloé chega do Canadá, trazendo consigo os dias brilhantes da juventude, Ana embarca numa viagem que a levará a atravessar a linha do seu horizonte. Repleta de desejo e liberdade, a luz de Lobo e Cão revelará a Ana o mar certo para navegar. Lobo e Cão é uma ode encantada à comunidade queer da ilha onde o brilho crepuscular atravessa o imenso Oceano Atlântico.

17 sábado
mai entrada gratuita



auditório do
ramo grande
— praia da vitória

21:00

Pedágio

Carolina Markowicz

Brasil, Portugal, 2023, 101'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em português M/16

Argumento: Carolina Markowicz

Montagem: Lautaro Colace, Ricardo Saraiva

Fotografia: Luís Armando Arteaga

Som: André Bellentani

Produção: Karen Castanho, Luís Urbano,

Bianca Villar, Fernando Fraiha,

Sandro Aguilar

Intérpretes: Maeve Jinkings,

Aline Marta Maia, Kauan Alvarenga,

Thomás Aquino, Isac Graça

Suellen, a funcionária de uma portagem, percebe que pode aproveitar o seu trabalho para fazer algum dinheiro extra, de forma ilegal. Tudo para pagar ao filho a caríssima terapia de conversão de um famoso padre estrangeiro que o deve curar da sua homossexualidade. Passado na cidade industrial de Cubatão, na Baixada Santista, paradoxalmente envolvida de mata atlântica, Pedágio reflete sobre as amarras da religião e da seita e na procura da autoexpressão sexual num contexto social e familiar hostis. Nas palavras da realizadora, "há muito que o absurdo veio substituir o normal, mas estamos num momento em que isso é mais evidente do que nunca. Sobretudo no Brasil, país cujo ex-presidente diz preferir ter um filho morto do que um filho gay. Já em relação aos seus filhos envolvidos em esquemas de corrupção, ele parece não ver tanto problema." Acrescentando, "o meu intuito artístico é realizar uma crítica sobre como fomos ficando imunes ao absurdo, aceitando-o como quotidiano. A ideia é retratar com sarcasmo essas contradições e personagens."

18 domingo
mai entrada gratuita



auditório do
ramo grande
– praia da vitória

18:00

Intransitivo: um Documentário sobre Narrativas Trans

Gabz 404, Gustavo Deon,
Lau Graef, Luka Machado

Brasil, 2022, 72'

Documentário, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Argumento: Gabz 404, Gustavo Deon,
Lau Graef, Luka Machado

Montagem: Gabz 404

Fotografia: Gabz 404

Som: Ber Kroeff

Produção: Gabz 404, Gustavo Deon,
Lau Graef, Luka Machado

Com: Drone, Esteve Maris, Henrique Reis
De Oliveira, Pietra Simon, Cleo Araujo, Pati
Rigon, Marcela Meirelles, Benicio Da Silva

2021. Pandemia. Brasil (o país que mais mata pessoas trans e travestis pelo 13º ano consecutivo, à data). Em pleno momento político crítico e perigoso, um grupo trans-centrado viaja pelo Rio Grande do Sul e conversa com outras oito pessoas transgênero. As entrevistas abordam questões relacionadas com transição e outros atravessamentos identitários e interseccionais, tais como classe, raça, idade, sexualidade e corpo. Nos bastidores, acompanhamos conversas entre a equipe, discussões sobre os temas abordados e as suas relações interpessoais durante as viagens. De uma rara sensibilidade e num verdadeiro espírito ativista e DIY, o documentário é realizado pelo coletivo Intransitivo, formado por Gabz 404, Gustavo Deon, Lau Graef e Luka Machado, quatro pessoas trans que desenvolvem o seu trabalho nas áreas artística, cultural e de memória e preservação da história, onde procuram espaços de fala e protagonismo para as suas narrativas, à frente e atrás das câmaras.



30 sexta-feira
jun sessão especial



recreio dos artistas
– angra do heroísmo

21:00

O Carnaval é um Palco, a Ilha uma Festa

Rui Mourão

Realização: Rui Mourão

Portugal, 2012, 93'

Documentário, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Montagem: Rui Mourão

Fotografia: Rui Mourão

Som: Rui Mourão

Produção: Rui Mourão

A partir do depoimento de uma senhora da ilha Terceira apaixonada pelo teatro da sua terra, que apenas se faz numa breve altura do ano – quando taxistas são dramaturgos, padres são atores, ou lavradores são travestis – Rui Mourão partiu de Lisboa com a sua câmara à procura da impressionante riqueza cultural dessas Danças de Carnaval. O filme cruza antropologia e videoarte, documentando um fenómeno cultural único, registando o que em si pode desaparecer porque é frágil, efémero, imaterial, em diálogo com o que simultaneamente aí emerge de criativo, novo, inovador. Apresentado uma única vez na Ilha Terceira, enquanto vídeo-instalação, no Museu de Angra do Heroísmo, em 2012, temos agora a oportunidade para ver (ou rever), na sua versão de ecrã duplo para sala de cinema, este documentário do artista visual Rui Mourão que propõe um olhar às Danças de Carnaval da Terceira sob o prisma das questões de identidade sexual e de género.



Não só no cinema, mas também no teatro, na performance, na literatura ou nas artes plásticas, a epidemia da sida faz com que, a partir da década de 80, seja repensado o papel do corpo na arte, particularmente na cultura queer.

A epidemia e a nova relação com a morte que ela transporta, trazem à luz novas preocupações com as questões da memória, enquanto preservação de um passado e legado de uma cultura. Sendo que toda a memória, pessoal e coletiva, está inscrita no corpo. Um corpo objeto de desejo, mas também alvo de estigmatização, um corpo tanto capaz para o prazer como para a dor.

É sobre essa memória que Joaquim Pinto fala no seu documentário autobiográfico *E Agora?* Lembra-me, preenchendo magistralmente uma enorme lacuna no cinema português, que historicamente sempre recebeu abordar tais temáticas. E se a epidemia da sida abriu caminho para uma maior atenção para que se falasse de saúde sexual nas pessoas queer – legitimando as suas muitas particularidades e complexidades, assim como a importância de campanhas de prevenção direcionadas –, também a saúde mental tem merecido especial atenção, em particular nos anos mais recentes. Ficção brasileira, assinada por Flávio Botelho, *A Metade de Nós* é de uma sensibilidade rara na abordagem desta temática. É um filme sobre a saúde mental e o limite, e sobre aqueles que a experimentam enquanto observadores carregados de afeto e desespero. Como lidamos com a perda e lhe podemos conferir sentido?

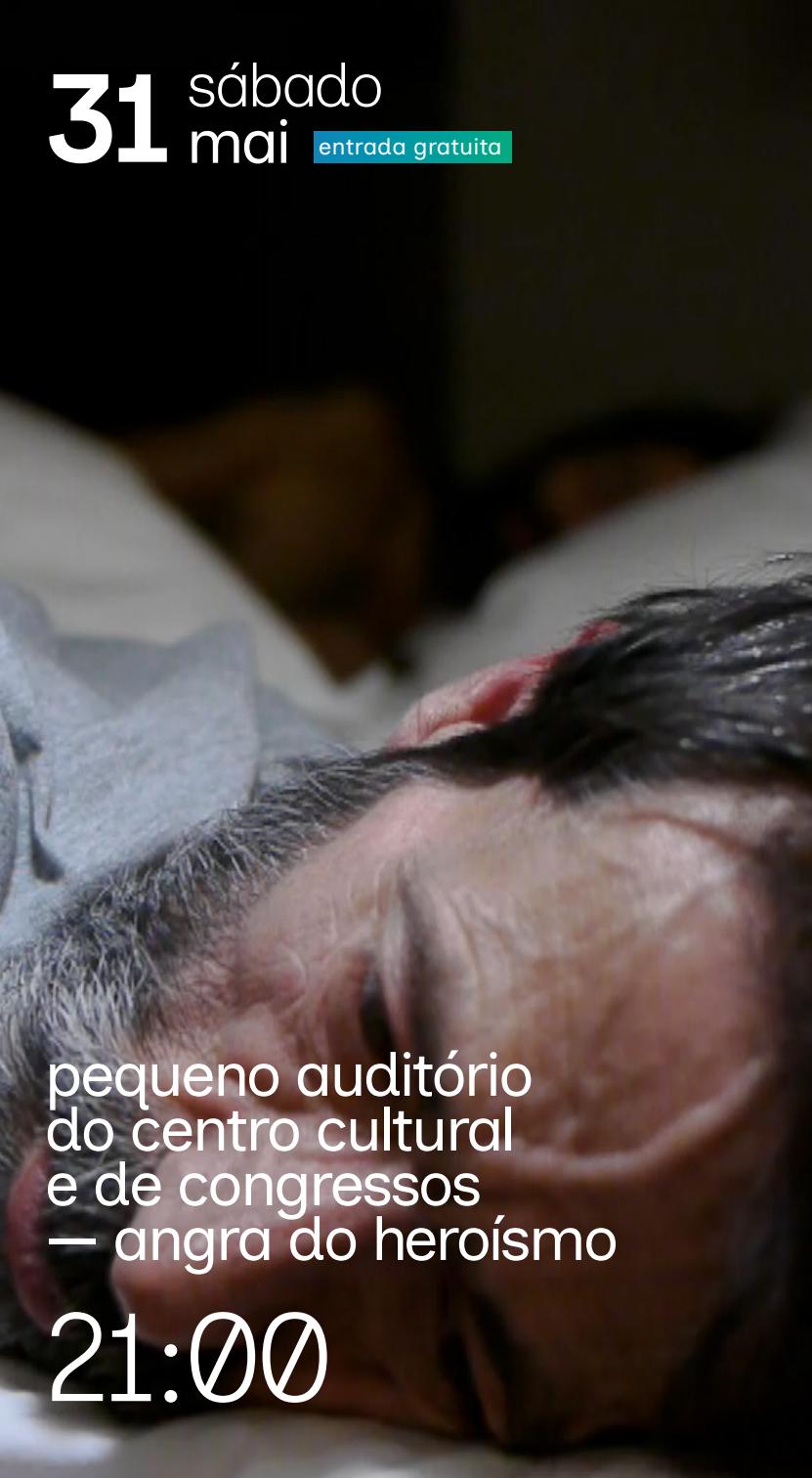
João Ferreira, diretor artístico do Queer Lisboa

30 mai
— 1 jun



saúde
sexual e
mental nas
pessoas
queer

31 sábado
mai entrada gratuita



pequeno auditório
do centro cultural
e de congressos
– angra do heroísmo

21:00

E Agora? Lembra-me

Joaquim Pinto

Portugal, 2013, 164'

Documentário, Cor

DCP

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/18

Argumento: Joaquim Pinto

Montagem: Joaquim Pinto, Nuno Leonel

Fotografia: Joaquim Pinto, Nuno Leonel

Som: Joaquim Pinto, Nuno Leonel

Produção: Joana Ferreira

Com: Joaquim, Nuno, Jo, Deolinda, Cláudia,
Nelson, Rita

Joaquim Pinto convive com o VIH e o VHC há quase 20 anos. "E Agora? Lembra-me" é o caderno de apontamentos de um ano de ensaios clínicos com drogas tóxicas e ainda não aprovadas para o VHC. Uma reflexão aberta e eclética sobre o tempo e a memória, as epidemias e a globalização, a sobrevivência para além do expectável, a dissensão e o amor absoluto. Num vai e vem entre o presente e passados, o filme é também um tributo aos amigos que partiram e aos que permanecem.

1 domingo
jun entrada gratuita



pequeno auditório
do centro cultural
e de congressos
– angra do heroísmo

18:00

A Metade de Nós

Flávio Botelho

Brasil, 2023, 89'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Argumento: Flávio Botelho, Bruno H Castro

Montagem: Tina Hardy

Fotografia: Leo Resende Ferreira

Som: Tales Salati Manfrinato

Produção: Caio Gullane, Fabiano Gullane,

Claudia Büschel, Flávio Botelho

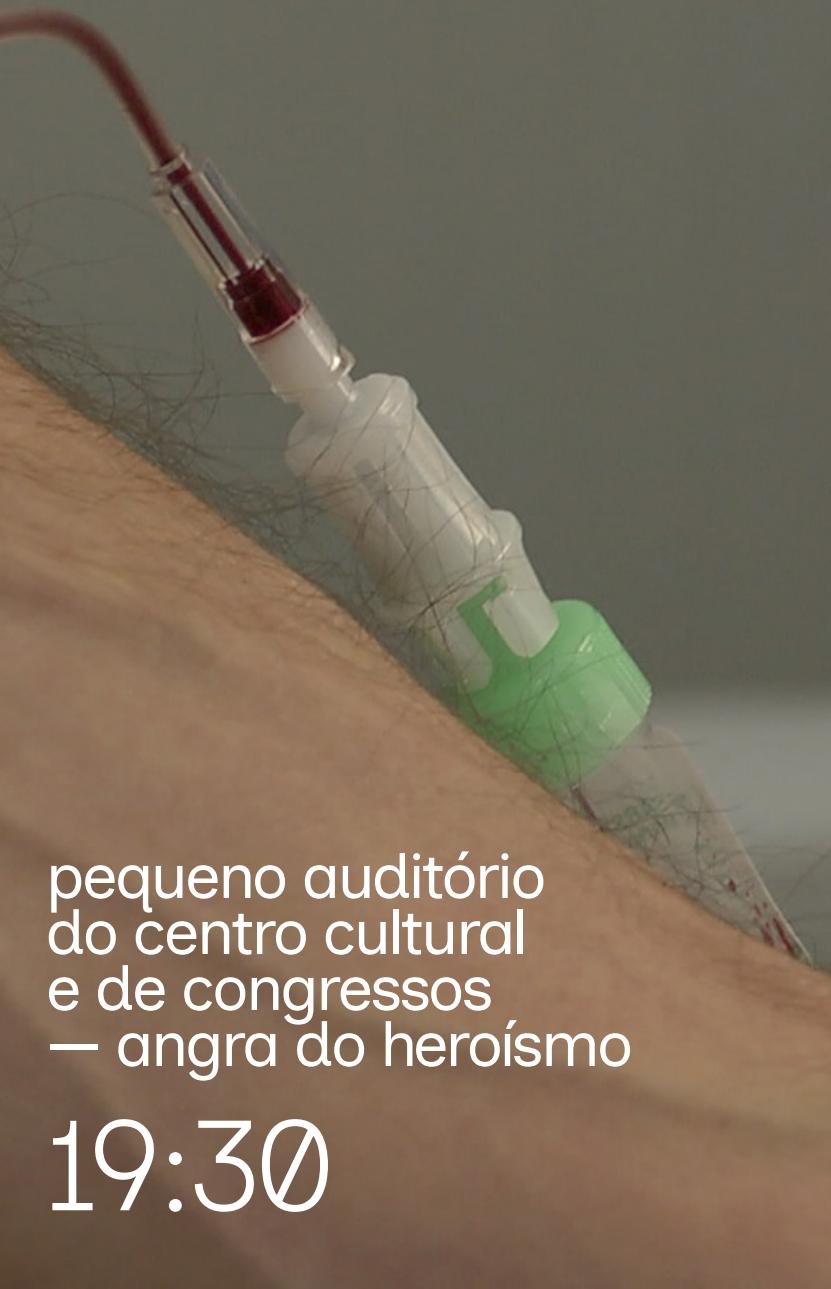
Intérpretes: Denise Weinberg, Cacá Amaral,

Kelner Macêdo, Clárice Niskier,

Henrique Schafer, Justine Otundo

Francisca e Carlos lutam para se adaptar à nova realidade após o suicídio do único filho, Felipe. Mergulhados em fantasias, medos e melancolia, o casal separa-se. Carlos muda-se para o antigo apartamento de Felipe, alienando-se na vida do filho morto. Já Francisca, assombrada pela culpa, dedica-se a desvendar o enigma do suicídio.

1 domingo
jun entrada gratuita



pequeno auditório
do centro cultural
e de congressos
— angra do heroísmo

19:30

Debate saúde sexual e saúde mental nas pessoas queer

Mariana Bettencourt, psiquiatra e sexóloga clínica
Vanessa Barcelos, especialista em Medicina Interna com
pós-graduação em infeção pelo VIH/sida

Desde a década de 80, com o eclodir da epidemia da sida, que a saúde sexual dentro das comunidades LGBTQIA+ passou a ser tema central no ativismo e – muito em consequência dessa pressão –, nas políticas públicas de saúde. A par das muitas problemáticas clínicas e de estigma ainda prevalentes, o VIH/sida, as DST, hepatites, assim como questões ligadas à reprodução ou à transição de género, são hoje léxicos recorrentes. Largamente negligenciada nas últimas décadas – e frequentemente associada à saúde sexual –, a saúde mental dentro desta população tem, nos últimos anos, conquistado a atenção devida. Ligada a questões tão diversas e complexas como a descoberta da sexualidade, a transição de género, a LGBTQIA+fobia, o abandono familiar, entre tantas outras, não faz sentido hoje abordar a saúde sexual dissociada da saúde mental. Para falar destes temas, a seguir à projeção do filme, tem lugar um debate com a presença da psiquiatra e sexóloga clínica, Mariana Bettencourt, do Hospital da Horta e Hospital do Divino Espírito Santo, de Ponta Delgada, e de Vanessa Barcelos, especialista em Medicina Interna com pós-graduação em infeção pelo VIH/sida, moderado por Constança Carvalho Homem, programadora do Queer Lisboa.



A eclosão a nível internacional de um chamado cinema queer, que se autoafirma deste modo a partir da década de 80, não foi acompanhado pelo cinema nacional onde, durante largos anos, foi fraca a expressão na representação queer no cinema, com a exceção do cinema de Joaquim Pinto ou João Pedro Rodrigues, e de alguns exemplos de cariz mais comercial – no cinema e na televisão –, tendo estes últimos contribuído mais para a perpetuação de estereótipos do que para a verdadeira construção política, social e cultural, de uma cultura queer de representação e representatividade.

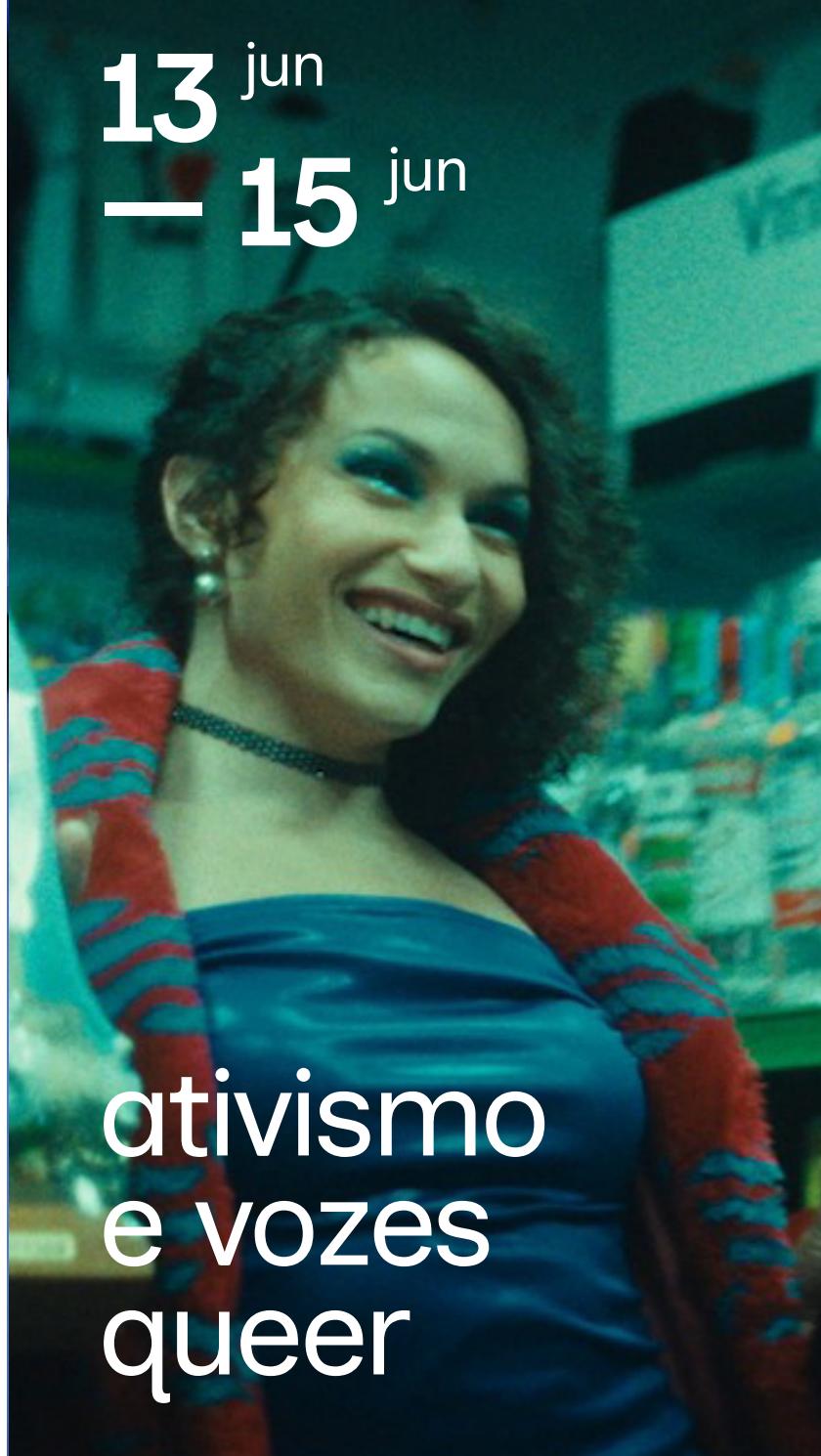
Faltavam as vozes queer, na primeira pessoa, a contar as suas histórias e aquelas outras que lhes importavam. Faltavam as pessoas queer, em todo o seu enorme espectro identitário e vivencial, à frente e atrás das câmaras, e afirmando-se enquanto tal. Colmatando esses largos anos de sub-representação, em pouco mais de uma década, o nosso cinema foi progressivamente habitado – e saudavelmente tomado –, por uma polifonia de vozes queer, carregadas de urgência, ávidas em recuperar o tempo perdido, focadas em dar a ver as suas histórias, sem esquecer os nossos passados, nem em imaginar utopias de futuro.

Este momento final do nosso programa é o palco desta diversidade, onde a par do cinema, olhamos de igual modo para essa história queer em Portugal, através de um conjunto de publicações recém-chegadas às livrarias.

[João Ferreira](#), diretor artístico do Queer Lisboa

13 jun
– 15 jun

ativismo
e vozes
queer





13 sexta-feira
jun entrada gratuita

lar doce livro
– angra do heroísmo

18:15

Debate ativismo e vozes queer – uma viagem através dos livros

Jó Bernardo, ativista, atriz e editora

António Fernando Cascais, docente e autor

Isabel Rodrigues, vice-presidente da direção da Amplos

Nos últimos meses assistimos à edição de um conjunto de livros que nos ajudam a traçar uma muito necessária História da cultura queer em Portugal e que dão voz a vidas, umas mais mediáticas, outras mais anónimas, que além de referências, são motivo de reflexão sobre o passado, presente e futuro das nossas comunidades. Para nos ajudar nesta reflexão, convidámos Jó Bernardo, ativista, atriz e proprietária da Esquina Cor de Rosa, a primeira livraria LGBTQIA+ a abrir portas em Lisboa e que funcionou entre 1999 e 2005 e que este ano editou “Quem?”, autobiografia de Rute Bianca; António Fernando Cascais, docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e autor de inúmeras publicações desde os anos 90, nomeadamente nas áreas dos estudos foucauldianos e nos estudos queer e de género, e que recentemente lançou as obras “Estar Além – A Persona Queer de António Variações”, “Masculinidades debaixo de fogo: Homossocialidade e homossexualidade na guerra colonial” e “Dissidências e Resistências Homossexuais no Século XX Português”; e Isabel Rodrigues, vice-presidente da direção da associação Amplos, para nos falar de “Dar e Receber Amor em Todas as Suas Formas”.

14 sábado
jun entrada gratuita

recreio dos artistas
— angra do heroísmo

21:00



As Fado Bicha

Justine Lemahieu

Portugal, 2024, 81'

Documentário, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês **M/16**

Argumento: Justine Lemahieu

Montagem: Justine Lemahieu

Fotografia: Pedro Ivo Carvalho,

Justine Lemahieu

Som: Miguel Moraes Cabral, Olivier Blanc,

Bruno Cabral

Produção: Bruno Cabral

Corn: Lila Tiago, João Caçador, Venga Venga,

Alice Azevedo, Yizhaq, Tita Maravilha

Entre 2019 e 2023, Justine Lemahieu regista vários momentos d'As Fado Bicha. A banda, composta pelas duas artistas e ativistas, Lila e João, deixa-se filmar pela realizadora na intimidade dos camarins, dos seus encontros e das suas casas. Respondendo a questões que as levam a revisitar o passado, o documentário é também pautado por momentos que nos dão a ver a sua expressão artística – através do fado, contam, sem concessões, as suas histórias e constroem uma musicalidade que é reflexo das lutas da comunidade LGBTQI+. Através das suas letras e sonoridade, abrem um processo de aceitação, representatividade e reparação. Através do seu posicionamento pessoal, questionam a relação da sociedade com as aparências, as normas de género, linguagem e sexualidade. Lemahieu apresenta-nos a oportunidade de um “concerto” onde podemos conhecer parte do percurso e transformação destas duas pessoas à medida que se estabelecem no panorama musical, mas, acima de tudo, na sua própria visão de quem são.

15 domingo
jun entrada gratuita

recreio dos artistas
– angra do heroísmo

16:00



Dildo- tectónica

Paula Tomás Marques

Realização: Paula Tomás Marques

Portugal, 2023, 16'

Docu-ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Argumento: Rebeca Letras,

Paula Tomás Marques

Montagem: Jorge Jácome

Som: Marcelo Tavares

Fotografia: Paula Tomás Marques

Produção: Paula Tomás Marques

Intérpretes: Rebeca Letras,
Inês Pinheiro Torres, Maria João Calisto,
João Abreu

Nos dias de hoje, Rebeca tenta criar uma coleção de dildos de cerâmica não fálicos. Durante a Inquisição, Josefa encontra um vibrador que é usado no seu proibido relacionamento amoroso com Maria. Embora em cronologias diferentes, os caminhos de Rebeca e Josefa acabam por se cruzar.



Um Caroço de Abacate

Ary Zara

Portugal, 2022, 20'

Ficção, Cor /

v. o. portuguesa, legendada em inglês

M/16

Argumento: Ary Zara

Montagem: Sara Marques

Fotografia: Leando Ferrão

Som: Cyril Santos

Produção: Andreia Nunes, Frederico Serra

Intérpretes: Gaya de Medeiros, Ivo Canelas

Larissa, uma mulher trans, e Cláudio, um homem cis, encontram-se uma noite, nas ruas de Lisboa. Duas pessoas, duas realidades, que dançam as suas diferenças até o amanhecer. No desafio, na surpresa, no espanto e no reconhecimento.



Seu Nome Era Gisberta

Sérgio Galvão Roxo

Portugal, Brasil, 2023, 30'

Documentário, Animação, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês

M/16

Argumento: Pedro Velho, Sérgio Galvão Roxo

Montagem: Sérgio Galvão Roxo

Animação: Sérgio Galvão Roxo

Som: Pedro Velho, Sérgio Galvão Roxo

Produção: corpo-paisagem

Com: Alexia Vitória (voz off)

Uma experiência imersiva sobre a vida e morte de Gisberta Salce, uma mulher trans brasileira, assassinada por catorze jovens na cidade do Porto, em 2006. Este projeto foi criado como uma ferramenta de educação, intervenção social e ativismo contra a transfobia.

15 domingo
jun entrada gratuita



recreio dos artistas
— angra do heroísmo

18:00

Onde o Verão Vai (Episódios da Juventude)

David Pinheiro Vicente

Portugal, 2018, 21'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Argumento: Rita Jorge,

David Pinheiro Vicente

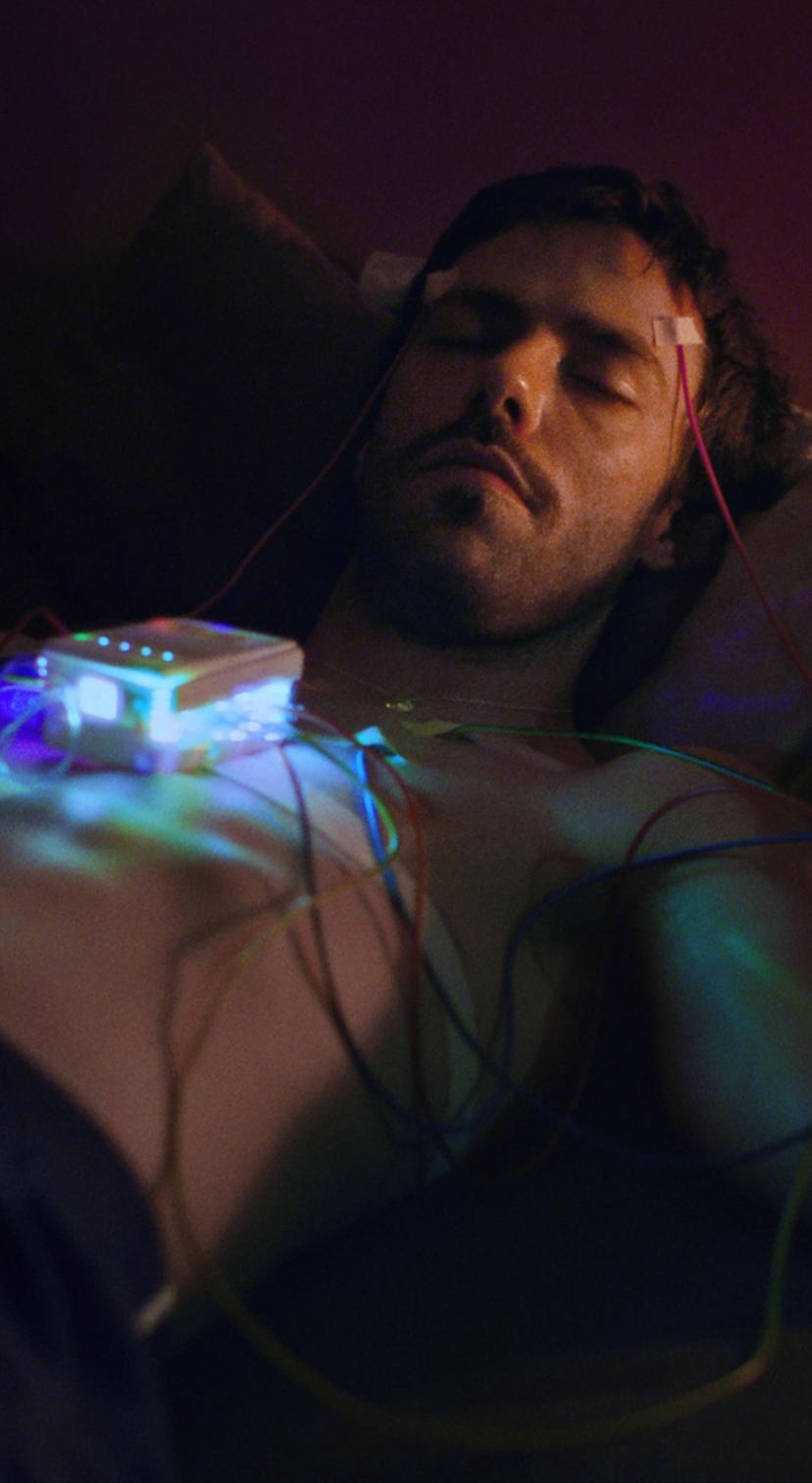
Montagem: Laura Gama Martins

Fotografia: Joana Silva Fernandes

Som: Miguel Coelho

Produção: Raquel Rolim Batista,
Escola Superior de Teatro e Cinema
Intérpretes: Miguel Amorim, Joana Peres,
Rodrigo Tomás, Joana Petiz, André Simões,
Rodolfo Major

É verão, um rapaz vai com os amigos para o rio. No carro, conta-se a história de um homem e da sua cobra de estimação, que o tenta comer. O rapaz cai de um tronco e fere-se. Uma rapariga segue-o. Um casal namora, outro rapaz descobre a floresta e um terceiro come um pêssego deitado numa árvore. Em quatro episódios, o calor e a humidade da floresta aproximam o desejo entre os jovens.



Ovnis, Monstros e Utopias

Três curtas-metragens queer portuguesas reunidas num programa que traça um caminho alternativo por universos que se aproximam, numa nova constelação de desejos, medos e lutas. Entre a Luz e o Nada de Joana de Sousa, Sob Influência de Ricardo Branco e Uma Rapariga Imaterial de André Godinho são três gestos de cinema que exploram técnicas e narrativas, da ficção científica ao horror, procurando novas formas de olhar e de fantasiar sobre outras possibilidades.

Entre a Luz e o Nada

Joana de Sousa

Portugal, 2023, 20'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês M/16

Argumento: Joana de Sousa
Montagem: Laura Gama Martins,
Deborah Viegas, Joana de Sousa
Som: Marcelo Tavares
Fotografia: Manuel Pinho Braga

Produção: Raquel Rolim Batista,
Pedro Duarte
Intérpretes: André Januário, Ness, Odete,
Pedro Antunes, Raquel Rolim Batista,
Ricardo Branco

Cosmos, golfinhos, solidão e techno. Borboletas, amantes e raves. Fechamos os olhos e viajamos por todo o universo em uma única noite.



Sob Influência

Ricardo Branco

Portugal, 2022, 20'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês

M/16

Argumento: Ricardo Branco

Fotografia: Joana Silva Fernandes

Som: Marcelo Tavares

Produção: Eliane Ferreira, Justin Amorim

Intérpretes: Odete, June João,

Alexander David

Uma Rapariga Imaterial

André Godinho

Portugal, 2022, 42'

Ficção, Cor

v. o. portuguesa, legendada em inglês

M/16

Argumento: André Godinho

Montagem: Francisco Moreira

Som: Nuno Carvalho

Música: Odete

Produção: João Matos

Intérpretes / Cast: Mafalda Banquart,

Tiago Miranda, Jenny Larrieu, Aurora Pinho,

June João, João Duarte Costa

Laura está de fim-de-semana com amigxs numa casa luxuosa e isolada. Decidem tomar um alucinogénico e xs três parecem ficar absorvidxs pela natureza que xs rodeia. No entanto, depois de um encontro estranho à noite, Laura está a ter dificuldade em lidar com a realidade.

Perdido numa floresta, Tiago encontra uma rapariga chamada João. Ela vive isolada da sociedade, protegida do mundo exterior. João é uma rapariga imaterial, ela é o que quer ser, independentemente da sua idade, género ou cor de pele. Cada vez que Tiago olha para ela é como se visse uma pessoa diferente, literalmente. Mas quando a relação deles se torna demasiado séria, ele vai ter que confrontar os preconceitos que não sabe que tem, para compreender o mundo que ela criou para si.



16 mai

18 mai

auditório
do ramo
grande
— praia
da vitória

30 mai

1 jun

recreio dos artistas
centro
cultural e de
congressos
— angra do
heroísmo

13 jun

15 jun

lar doce livro
recreio dos
artistas
— angra do
heroísmo